

Augustus: o primeiro imperador de Roma

'Augustus': the first emperor of Rome

GOLDSWORTHY, A. *Augustus: first Emperor of Rome*.
New Haven: Yale University Press, 2014. 624 p.

Nathália Queiroz Mariano Cruz*

Recebido em: 21/04/2015
Aprovado em: 23/05/2015

Com sua mais recente publicação, o britânico Adrian Goldsworthy se propõe, na obra *Augustus: first Emperor of Rome*, a realizar uma biografia cuidadosa sobre Augustus, tentando esclarecer ao leitor os limites que devem ser ponderados na reconstrução mais legítima possível do *princeps* romano. Ao longo de 462 páginas de argumentos dispostos em cinco capítulos, Goldsworthy se dedica a traçar uma trajetória da vida do primeiro imperador de Roma com todos os méritos que, segundo o autor, a história negligencia em lhe atribuir. Tal como ficou evidenciado na sua consagrada obra *In the name of Rome: the man who won the Roman Empire* (2003), Goldsworthy mais uma vez faz uma homenagem àquele que ele acredita ser o melhor exemplo da astúcia de um político e general romano: Augustus.¹ Um exercício que ele consegue cumprir, em homenagem, embora não se abstenha de cair em alguns paradoxos e floreios que, por vezes, resvalam em análises às vezes mais romanceadas do que as fontes são capazes de comportar.

O problema central que figura na análise de Goldsworthy é a dificuldade que se tem em revelar o "Augustus verdadeiro", uma vez que a historiografia tende a tratá-lo sob dois contrastes: de um lado, o triúmviro manchado de sangue que não poupou esforços para alcançar o poder supremo e, do outro, o distinto estadista e governante que implementou inovações substanciais para trazer estabilidade ao Império. Conforme argumenta o autor, é compreensível que a incoerência de uma dupla personalidade possa incidir sobre um mesmo homem, fazendo com que ele seja visto não a partir de sua biografia legítima,

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás sob orientação da Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves. Bolsista Capes.

¹ No português, traduzido como "generais romanos".

mas por meio de luzes que as reconstruções cronológicas – a exemplo da batalha de *Actium* – são capazes de lhe lançar. Todavia, o autor defende que a tentativa de devolver a *Augustus* sua real história não deve ser menosprezada, especialmente por se tratar de uma personalidade do Mundo Antigo que teve a maior quantidade de imagens e referências sobreviventes e que, por ser ele uma figura pública, é necessário que se tenha maior cuidado para lhe atribuir características mais reais do que apenas a máxima do “homem de mil facetas” (GOLDSWORTHY, 2014, p. 36).

Assim, como solução viável para o estudo de *Augustus*, Goldsworthy propõe toda uma revisão dos termos empregado para a História do Império Romano, a começar pela forma com que se nomeia o próprio *Augustus*. Amparado pelas fontes que fazem menção a *Augustus*,² e que, mesmo sendo de períodos posteriores ao governo do imperador, ainda constituem as melhores ferramentas para a reconstrução de sua vida, Goldsworthy argumenta que é necessário se conferir os nomes adequados a *Augustus* conforme cada época de sua vida prediz e tal como ele mesmo se intitulava. Segundo aponta o autor, é necessário que se entenda *Augustus* por ele mesmo e, para tanto, a melhor forma de fazê-lo é respeitando os nomes que ele se deu ao longo de sua ascensão militar e política. Assim, um vez que o general romano é nascido *Caius Otavius*, como herdeiro de Júlio César ele passa a se chamar *Caius Julius Caesar*, sem acrescentar, no entanto, o nome *Octavianus* para lembrar sua verdadeira família. Com o decorrer dos anos, o nome *Caius* é substituído pelo termo *imperator* e em 27 a.C., por concessão do Senado, ele passa a se chamar *Augustus*. Se, por um lado, a convenção moderna se refere a esse como Otávio – mesmo que ele nunca tenha se nomeado assim – no intuito de desfazer possíveis confusões com o nome de Júlio César, e que somente após o ano de 27 a.C. é que se passa a chamá-lo de *Augustus*, Goldsworthy defende que o próprio uso que *Augustus* fez do nome de *Caesar* o abriu portas que, talvez sozinho, ele nunca alcançaria. Uma astúcia que diz muito sobre a personalidade do *princeps* e que merece ser devolvida a ele senão por fidelidade às fontes, pelo menos por um argumento melhor do que o de desfazer possíveis confusões. Uma vez que os nomes significavam bons negócios e, não raro, falavam por si só no Mundo Antigo, Goldsworthy defende que essa revisão é mais do que justificável.

Igualmente, a associação do termo *imperator* a *Augustus* é repensada, visto que ele não se intitulava com tal, mas como *princeps*. Como o termo ainda é presente na língua latina e usado para designar a autoridade suprema dos Estados modernos,

² Adrian Goldsworthy se utiliza dos mais variados tipos de fontes que possam fazer qualquer referência a *Augustus*, indo desde os relatos dispostos em Apiano, Dion Cássio, Veléio Patérculo, Tito Lívio, Cícero, Suetônio, Orosius e a *Res Gestae*, à Numismática e à Arqueologia.

Goldsworthy entende que se chamamos *Augustus* de imperador, podemos acabar lhe impondo, indevidamente, um conceito estranho ao seu regime. Um argumento que, vale lembrar, recai na armadilha pontuada anteriormente pelo autor sobre a confusão tola de nomes e termos. E uma vez que nem mesmo o título da obra consegue apartar *Augustus* da condição de primeiro imperador de Roma, cabe perguntar se o próprio autor condiz com essa revisão, sobretudo quando afirma não ser adequado empregar o termo a *Augustus*, mas o faz para tratar de seus sucessores. Ao que parece, a revisão proposta por Goldsworthy no que tange ao emprego do termo *imperator* para *Augustus* não figura tanto um problema de filologia, como o autor pontua, mas antes uma vontade de querer dissociar o governo de *Augustus* ao máximo dos outros generais para tentar encontrar nestes contrastes a verdadeira personalidade do *princeps*.

Sem poupar esforços para tanto, o autor prossegue, ao longo do texto, com os cuidados para inserir cada etapa da vida de *Augustus* às nomenclaturas corretas de seu período, duvidando inclusive da referência adequada do termo Império ao regime de *Augustus*, uma vez que a República também tinha um império ultramarino. Assim, o emprego do termo *Principado* é sustentado como uma indicação mais correta à administração augustana. Conforme postula Adrian Goldsworthy, ao se pretender redigir a biografia de um estadista romano ou realizar qualquer outro estudo que incida sobre uma figura política antiga, os termos utilizados devem recair, primeiramente e sempre quando possível, no emprego que as fontes fazem do mesmo, ainda que por vezes isso possa gerar confusões didáticas. Com o seu objetivo alcançado, isto é, o de sugerir uma biografia revisada sobre *Augustus* e o seu Principado, Adrian Goldsworthy não o faz, entretanto, sem por vezes esbarrar nas suas próprias críticas. Todavia, tal como ele mesmo pontua:

Compreender *Augustus* não é fácil, e os cuidados específicos devem ser tomados com cada tipo de prova. No entanto, é importante estar aberto para as limitações de nossas fontes. Algumas coisas nós simplesmente não poderemos saber, e jamais saberemos. Mas há uma abundância de evidências que nos permitem imaginar e chegar a suposições novas. [...] Podemos dizer muito sobre *Augustus* e podemos [devemos] associar todos os tipos de provas que possam nos esclarecer sobre o homem e seu mundo (GOLDSWORTHY, 2014).³

Com os cuidados devidos à leitura de Adrian Goldsworthy, que por vezes se mostra carente de maiores referências, há de se admitir que, como biografia histórica, a obra tem mais a acrescentar sobre a figura de *Augustus* do que gerar grandes problemas. Declarar se o autor conseguiu encontrar seu verdadeiro *Augustus* é, no entanto, uma afirmação que parece escapar ao ofício de qualquer historiador.

³ Tradução livre do texto original em inglês.